



Meditação do Papa Francisco sobre o pós-coronavírus: um alento de esperança que nasce da alegria pascal e que anima a vida em tempos de Covid-19.

Papa Francisco propõe
“um plano para ressuscitar”

diante da emergência
Covid-19

Texto integral da meditação escrita pelo Papa,
publicada na Revista **Vida Nueva**.

“Eis que Jesus veio ao seu encontro e lhes disse: ‘Alegrai-vos!’” (Mt 28, 9). É a primeira palavra do Ressuscitado depois que Maria Madalena e a outra Maria descobriram o túmulo vazio e se encontraram com o anjo. O Senhor veio ao seu encontro para transformar sua dor em alegria e consolá-las em meio à aflição (cfr. Jr 31, 13). É o Ressuscitado que quer ressuscitar as mulheres a uma nova vida e com elas a humanidade inteira. Quer que iniciemos a participar da condição de ressuscitados que nos espera. Convidar à alegria pode parecer uma provocação, e inclusive, uma atitude de mau gosto diante das graves consequências que estamos sofrendo pelo Covid-19. Não são poucos os que poderiam pensá-lo, assim como os discípulos de Emaús, como um gesto de ignorância ou de irresponsabilidade (cf. Lc 24, 17-19). Como as primeiras discípulas que foram ao túmulo, vivemos rodeados por um clima de dor e incertezas que faz com que nos perguntemos: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (Mc 16,3) Como faremos para levar adiante esta situação que nos transborda completamente? O impacto de tudo o que acontece, as graves consequências que se apresentam e vislumbram, a dor e o luto pelos nossos entes queridos nos desorientam, desencorajam e paralisam. É o peso da pedra do túmulo que se impõe diante do

futuro e que ameaça com o seu realismo, sepultar toda a esperança. É o peso da angústia das pessoas vulneráveis e idosas que passam a quarentena na absoluta solidão, é o peso das famílias que não sabem como conseguir um prato de comida em suas mesas, é o peso dos profissionais da saúde e servidores públicos que estão exaustos e desanimados... esse peso que parece ter a última palavra.

Sem dúvida, chega a ser comovedor destacar a atitude das mulheres do Evangelho. Diante das dúvidas, do sofrimento, da perplexidade em frente à situação e incluindo o medo da perseguição e de toda a situação que elas poderiam passar, foram capazes de se colocar em movimento e não se deixarem paralisar com o que estava acontecendo. Pelo amor do Mestre, e com este típico, insubstituível e abençoado génio feminino, foram capazes de assumir a vida como vinha, desviar com astúcia os obstáculos para estar perto do seu Senhor. Ao contrário de muitos dos Apóstolos que ficaram paralisados pelo medo e a insegurança, que negaram o Senhor e escaparam (cf. Jo 18, 25-27), elas, sem esquivar nem ignorar o que acontecia, sem fugir nem escapar..., souberam simplesmente estar e acompanhar. Como as primeiras discípulas, que no meio da obscuridade e do desconsolo, carregaram suas bolsas com aromas e se puseram a caminho para ungrir

o Mestre sepultado (cf. Mc 16, 1). Nós pudemos, no tempo, ver muitos que foram levar a unção da corresponsabilidade para cuidar e não pôr em risco a vida dos outros. Ao contrário dos que fugiram com a ilusão de se salvarem a si mesmos, fomos testemunhas de quantos vizinhos e familiares se isolaram com esforço e sacrifício para ficar em suas casas e assim bloquear a difusão. Pudemos descobrir que muitas pessoas que já viviam sofriam a pandemia da exclusão e da indiferença, seguiram se esforçando, acompanhando e apoiando-se para que esta situação seja (ou fosse) menos dolorosa. Vimos a unção derramada por médicos, enfermeiros e enfermeiras, funcionários de mercados, lixeiros, cuidadores, motoristas, forças de segurança, voluntários, sacerdotes, religiosas, avós e educadores, e muitos outros que se dedicaram a entregar tudo o que possuíam para dar um pouco mais de dedicação, cuidado, calma, e ânimo à situação. Todavia a pergunta que se ouvia era a mesma: “Quem rolará a pedra do túmulo para nós?” (Mc 16, 3), todos eles não deixaram de fazer o que sentiam que podiam e tinham que dar.

E foi precisamente ali, no meio de suas ocupações e preocupações, que as discípulas foram surpreendidas por um anúncio impressionante: “Não está aqui, ressuscitou”. Sua unção não era uma unção para a morte, mas para a vida. Seu velório e

acompanhamento do Senhor, também na morte e na maior desesperança, não foi em vão, mas lhes permitiu serem unguidas pela Ressurreição: não estavam sós, Ele estava vivo e as precedia no seu caminho. Somente uma notícia transbordante seria capaz de romper o círculo que lhes impedia ver que a pedra tinha sido tirada, e o perfume derramado tinha maior capacidade de expansão do que aquilo que as ameaçava. Esta é a fonte da nossa alegria e esperança, que transforma as nossas ações: nossas unções, entregas... nosso velar e acompanhar de todas as formas possíveis deste tempo, não são e nunca serão em vão; não são entregas para a morte. Cada vez que participamos da Paixão do Senhor, que acompanhamos a paixão dos nossos irmãos, vivendo inclusive a própria paixão, nossos ouvidos escutaram a novidade da Ressurreição: não estamos sozinhos, o Senhor nos precede no nosso caminho removendo as pedras que nos paralisam. Esta boa notícia fez com que as mulheres voltassem em seus passos para buscar os Apóstolos e os discípulos que permaneciam escondidos para contar-lhes: “A vida arrancada, destruída, aniquilada na cruz despertou e voltou a palpitar de novo” (1). Esta é a nossa esperança, que não nos poderá ser roubada, silenciada ou contaminada. Toda a vida de serviço e amor que vocês entregaram no tempo voltará a palpitar de novo. Basta abrir uma

fresta para que a Unção que o Senhor quer nos doar se expanda com uma força incontrolável e nos permita contemplar a realidade desoladora com uma visão renovada.

E como as mulheres do Evangelho, também nos convida mais uma vez a voltar sobre nossos passos e deixarmos nos transformar por este anúncio: o Senhor, com sua novidade, pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade (*Evangelium gaudium*, 11). Nesta terra desoladora: o Senhor se empenha em regenerar a beleza e fazer renascer a esperança: “Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?” (Is 43, 18b) Deus jamais abandona seu povo, está sempre junto com ele, especialmente quando a dor se faz mais presente. Se há algo que aprendemos neste tempo é que ninguém se salva sozinho. As fronteiras caem, os muros desabam, e todos os discursos fundamentalistas se dissolvem diante de uma presença quase impercetível que manifesta a fragilidade à qual estamos sujeitos. A Páscoa nos convoca e convida a recordar dessa outra presença discreta e respeitadora, generosa e reconciliadora capaz de não romper o caniço quebrado nem apagar o pavio já fraco da chama (cf. Is 42, 2-3) para fazer palpitar a vida nova que nos quer presentear a todos. É o sopro do Espírito que abre horizontes, desperta a criatividade e nos renova na fraternidade para

dizer presente (ou seja, estou aqui) diante da enorme e imperativa tarefa que nos espera. É preciso discernir e encontrar o pulso do Espírito para impulsionar junto com outras dinâmicas que podem testemunhar e canalizar a vida nova que o Senhor quer gerar neste momento concreto da história. Este é o tempo propício do Senhor, que nos pede para não nos conformarmos nem ficarmos satisfeitos e menos ainda justificarmo-nos com lógicas substituíveis ou paliativas que nos impeçam de assumir o impacto e as graves consequências que estamos vivendo. Este é o tempo propício para nos animarmos a uma nova imaginação do possível com o realismo que apenas o Evangelho pode nos proporcionar. O Espírito, que não se deixa prender nem instrumentalizar com esquemas, modalidades ou estruturas fixas ou decaídas, nos propõe associarmo-nos a seu movimento capaz de “fazer novas todas as coisas” (Ap 21, 5).

Neste tempo nos demos conta da importância de “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (2). Toda a ação individual não é uma ação isolada, para o bem ou para o mal, mas traz consigo consequências para todos, porque na Casa Comum tudo está interligado; e se as autoridades sanitárias ordenam o confinamento nos lares, é o povo que torna possível, consciente da sua

corresponsabilidade em bloquear a pandemia. “Uma emergência como a do Covid-19 é derrotada em primeiro lugar com os anticorpos da solidariedade” (3). Lição que romperá todo o fatalismo no qual estávamos imersos e permitirá voltar a sentirmo-nos artífices e protagonistas de uma história comum e, assim, responder conjuntamente a tantos males que atingem milhões de irmãos ao redor do mundo. Não podemos nos permitir de escrever a história presente e futura em detrimento ao sofrimento de tantos. É o Senhor que nos voltará a perguntar: “Onde está teu irmão? (Gn 4, 9), na nossa capacidade de resposta, oxalá se revele a alma dos nossos povos, este reservatório de esperança, fé e caridade onde fomos gerados e que, por tanto tempo, vimos anestesiado ou silenciado.

Se atuarmos como um só povo, unido diante de outras epidemias que nos rodeiam, podemos ganhar um impacto real. Seremos capazes de atuar com responsabilidade diante da fome que muitos sofrem, sabendo que temos alimentos para todos? Continuaremos olhando para o outro lado com um silêncio cúmplice diante destas guerras fomentadas por desejos de domínio e de poder? Estaremos dispostos a mudar os estilos de vida que mergulham tantos na pobreza, promovendo e animando-nos a levar uma vida mais austera e humana que possibilite uma divisão equitativa dos recursos?

Adotaremos como comunidade internacional as medidas necessárias para deter a devastação do meio ambiente ou seguiremos negando a evidência? A globalização da indiferença seguirá amenizando e tentando o nosso caminho... Esperemos que nos encontre com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade. Não tenhamos medo de viver a alternativa da civilização do amor, que é “uma civilização da esperança: contra a angústia e o medo, a tristeza e o desalento, a passividade e o cansaço. A civilização do amor se constrói no dia a dia, de modo ininterrupto. Pressupõe o esforço comprometido de todos. Supõe, para isso, uma comprometida comunidade de irmãos”. (4)

Neste tempo de tribulação e luto, é o meu desejo que todos possam fazer a experiência de Jesus, que sai ao teu encontro, te saúda diz: “Alegrai-vos” (Mt 28, 9). Que seja essa a saudação que nos mobilize a convocar e amplificar a boa nova do Reino de Deus.

Notas

1. R. Guardini, *El Señor*, 504.
2. Carta enc. *Laudato si'* (24 maio 2015), 13.
3. Pontificia Academia para a Vida. *Pandemia y fraternidad universal. Nota sobre la emergencia COVID-19* (30 de março de 2020), p. 4.
4. Eduardo Pironio, *Diálogo con laicos*, Buenos Aires, 1986.



Homilia do Papa Francisco na celebração extraordinária de oração pela pandemia da Covid-19

Ao entardecer...» (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos, todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» (cf. 4, 38), assim também nós

nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho que vemos Jesus a dormir). Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: «Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» (4, 40).

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer N'Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: «Mestre, não Te importas que pereçamos?» (4, 38) Não Te importas:

pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: «Não te importas de mim». É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele. De facto, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de «empacotar» e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiar com hábitos aparentemente «salvadores», incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso «eu» sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela abençoada pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

«Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso

planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: «Acorda, Senhor!»

«Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Senhor, lanças-nos um apelo, um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, como sobretudo vir a Ti e fiar-se de Ti. Nesta Quaresma, ressoa o teu apelo urgente: «Convertei-vos...». «Convertei-Vos a Mim de todo o vosso coração» (Jl 2, 12). Chamas-nos a aproveitar este tempo de prova como um tempo de decisão. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros. E podemos ver tantos companheiros de viagem exemplares, que, no medo, reagiram oferecendo a própria vida. É a força operante do Espírito derramada e plasmada em entregas corajosas e generosas. É a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho.

Perante o sofrimento, onde se mede o verdadeiro desenvolvimento dos nossos povos, descobrimos e experimentamos a oração sacerdotal de Jesus: «Que todos sejam um só» (Jo 17, 21). Quantas

peessoas dia a dia exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avós e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras.

«Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas más. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida nunca morre.

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar.

O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor

desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumeja (cf. Is 42, 3), que nunca adoece, e deixemos que reacenda a esperança.

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onnipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvaguardar-nos e a salvaguardar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança.

«Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Queridos irmãos e irmãs, deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de vos confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, saúde do seu povo, estrela do mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo desça sobre vós, como um abraço consolador, a bênção de Deus. Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações! Pedes-nos para não ter medo; a nossa fé, porém, é fraca e sentimo-nos temerosos. Mas Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade. Continua a repetir-nos: «Não tenhais medo!» (Mt 14, 27). E nós, juntamente com Pedro, «confiamos-Te todas as nossas preocupações, porque Tu tens cuidado de nós» (cf. 1 Pe 5, 7).

Vaticano, 27 de março de 2020

Mensagem *URBI ET ORBI* do Papa Francisco - PÁSCOA 2020

Queridos irmãos e irmãs, feliz Páscoa!

Hoje ecoa em todo o mundo o anúncio da Igreja: «Jesus Cristo ressuscitou»; «ressuscitou verdadeiramente!»

Como uma nova chama, se acendeu esta Boa Nova na noite: a noite dum mundo já a braços com desafios epocais e agora oprimido pela pandemia, que coloca a dura prova a nossa grande família humana. Nesta noite, ressoou a voz da Igreja: «Cristo, minha esperança, ressuscitou!» (*Sequência da Páscoa*).

É um «contágio» diferente, que se transmite de coração a coração, porque todo o coração humano aguarda esta Boa Nova. É o contágio da esperança: «Cristo, minha esperança, ressuscitou!» Não se trata duma fórmula mágica, que faça desvanecerem-se os problemas. Não! A ressurreição de Cristo não é isso. Mas é a vitória do amor sobre a raiz do mal, uma vitória que não «salta» por cima do sofrimento e da morte, mas atravessa-os abrindo uma estrada no abismo, transformando o mal em bem: marca exclusiva do poder de Deus.

O Ressuscitado é o Crucificado; e não outra pessoa. Indeléveis no seu corpo glorioso, traz as chagas: feridas que se tornaram frestas de esperança. Para Ele, voltamos o nosso olhar para que sare as feridas da humanidade atribulada.

Hoje penso sobretudo em quantos foram atingidos diretamente pelo coronavírus: os doentes, os que morreram e os familiares que choram a partida dos seus queridos e por vezes sem conseguir sequer dizer-lhes o último adeus.

O Senhor da vida acolha junto de Si no seu Reino os falecidos e dê conforto e esperança a quem ainda está na prova, especialmente aos idosos e às pessoas sem ninguém. Não deixe faltar a sua consolação e os auxílios necessários a quem se encontra em condições de particular vulnerabilidade, como aqueles que trabalham nas casas de cura ou vivem nos quartéis e nas prisões.

Para muitos, é uma Páscoa de solidão, vivida entre lutos e tantos incómodos que a pandemia está a causar, desde os sofrimentos físicos até aos problemas económicos.

Esta epidemia não nos privou apenas dos afetos, mas também da possibilidade de recorrer pessoalmente à consolação que brota dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia e da Reconciliação. Em muitos países, não foi possível aceder a eles, mas o Senhor não nos deixou sozinhos! Permanecendo unidos na oração, temos a certeza de que Ele colocou sobre nós a sua mão (cf. *Sal* 139/138, 5), repetindo a cada um com veemência: Não tenhas medo! «Ressuscitei e estou contigo para sempre» (cf. *Missal Romano*).

Jesus, nossa Páscoa, dê força e esperança aos médicos e enfermeiros, que por todo o lado oferecem um testemunho de solicitude e amor ao próximo até ao extremo das forças e, por vezes, até ao sacrifício da própria saúde. Para eles, bem como para quantos trabalham assiduamente para garantir os serviços essenciais necessários à convivência civil, para as forças da ordem e os militares que em muitos países contribuíram para aliviar as dificuldades e tribulações da população, vai a nossa saudação afetuosa juntamente com a nossa gratidão.

Nestas semanas, alterou-se improvisamente a vida de milhões de pessoas. Para muitos, ficar em casa foi uma ocasião para refletir, parar os ritmos frenéticos da vida, permanecer com os próprios familiares e desfrutar da sua companhia. Mas, para muitos outros, é também um momento de preocupação pelo futuro que se apresenta incerto, pelo emprego que se corre o risco de perder e pelas outras consequências que acarreta a atual crise. Encorajo todas as pessoas que detêm responsabilidades políticas a trabalhar ativamente em prol do bem comum dos cidadãos, fornecendo os meios e instrumentos necessários para permitir a todos que levem uma vida digna e favorecer – logo que as circunstâncias o permitam – a retoma das

atividades diárias habituais.

Este não é tempo para a indiferença, porque o mundo inteiro está a sofrer e deve sentir-se unido ao enfrentar a pandemia. Jesus ressuscitado dê esperança a todos os pobres, a quantos vivem nas periferias, aos refugiados e aos sem abrigo. Não sejam deixados sozinhos estes irmãos e irmãs mais frágeis, que povoam as cidades e as periferias de todas as partes do mundo. Não lhes deixemos faltar os bens de primeira necessidade, mais difíceis de encontrar agora que muitas atividades estão encerradas, bem como os medicamentos e sobretudo a possibilidade duma assistência sanitária adequada. Em consideração das presentes circunstâncias, sejam abrandadas também as sanções internacionais que impedem os países visados de proporcionar apoio adequado aos seus cidadãos e seja permitido a todos os Estados acudir às maiores necessidades do momento atual, reduzindo – se não mesmo perdendo – a dívida que pesa sobre os orçamentos dos mais pobres.

Este não é tempo para egoísmos, pois o desafio que enfrentamos nos une a todos e não faz distinção de pessoas. Dentre as muitas áreas do mundo afetadas pelo coronavírus, penso de modo especial na Europa. Depois da II Guerra Mundial, este Continente pôde ressurgir graças a um espírito concreto de solidariedade, que lhe permitiu superar as rivalidades do passado. É muito urgente, sobretudo nas circunstâncias presentes, que tais rivalidades não retomem vigor; antes, pelo contrário, todos se reconheçam como parte duma única família e se apoiem mutuamente. Hoje, à sua frente, a União Europeia tem um desafio epocal, de que dependerá não apenas o futuro dela, mas também o do mundo inteiro. Não se perca esta ocasião para dar nova prova de solidariedade, inclusive recorrendo a soluções inovadoras. Como alternativa, resta apenas o egoísmo dos interesses particulares e a tentação dum regresso ao passado, com o risco de colocar a dura prova a convivência pacífica e o progresso das próximas gerações. Este não é tempo para divisões. Cristo, nossa paz, ilumine a quantos têm responsabilidades nos conflitos, para que tenham a coragem de aderir ao apelo a um cessar-fogo global e imediato em todos os cantos do mundo. Este não é tempo para continuar a fabricar e

comercializar armas, gastando somas enormes que deveriam ser usadas para cuidar das pessoas e salvar vidas. Ao contrário, seja o tempo em que finalmente se ponha termo à longa guerra que ensanguentou a amada Síria, ao conflito no Líbano e às tensões no Iraque, bem como no Líbano. Seja este o tempo em que retomem o diálogo israelitas e palestinos para encontrar uma solução estável e duradoura que permita a ambos os povos viverem em paz. Cessem os sofrimentos da população que vive nas regiões orientais da Ucrânia. Ponha-se termo aos ataques terroristas perpetrados contra tantas pessoas inocentes em vários países da África.

Este não é tempo para o esquecimento. A crise que estamos a enfrentar não nos faça esquecer muitas outras emergências que acarretam sofrimentos a tantas pessoas. Que o Senhor da vida Se mostre próximo das populações da Ásia e da África que estão a atravessar graves crises humanitárias, como na Região de Cabo Delgado, no norte de Moçambique. Acalente o coração das inúmeras pessoas refugiadas e deslocadas por causa de guerras, seca e carestia. Proteja os inúmeros migrantes e refugiados, muitos deles crianças, que vivem em condições insustentáveis, especialmente na Líbia e na fronteira entre a Grécia e a Turquia. E não quero esquecer a ilha de Lesbos. Faça com que na Venezuela se chegue a soluções concretas e imediatas, destinadas a permitir a ajuda internacional à população que sofre por causa da grave conjuntura política, socioeconómica e sanitária.

Queridos irmãos e irmãs,

Verdadeiramente palavras como indiferença, egoísmo, divisão, esquecimento não são as que queremos ouvir neste tempo. Mais, queremos bani-las de todos os tempos! Aquelas parecem prevalecer quando em nós vencem o medo e a morte, isto é, quando não deixamos o Senhor Jesus vencer no nosso coração e na nossa vida. Ele, que já derrotou a morte abrindo-nos a senda da salvação eterna, dissipe as trevas da nossa pobre humanidade e introduza-nos no seu dia glorioso, que não conhece ocaso.

Com estas reflexões, gostaria de vos desejar a todos uma Páscoa feliz.

Basilica Vaticana

Domingo, 12 de abril de 2020



Aprender a ser mais humano com o coronavírus

Os seres humanos estão a cair na conta, muito rapidamente, da sua fragilidade. Aprendemos que, tal como as pessoas, também a humanidade inteira se tornou débil. **De repente, a pandemia do coronavírus mostrou-nos que toda a humanidade passou a ser uma espécie em perigo.** Tornámo-nos cada vez mais humildes e inseguros. O vírus obrigou-nos a pensar, a refletir e a meditar.

Num mundo superpovoado, em que somos incapazes de nos pôr de acordo para atuar face às

alterações climáticas, quando a natureza continua a deteriorar-se, quando há espécies de animais que se vão extinguindo... **não é de estranhar que os vírus, que também fazem parte do ecossistema, comecem a reagir duma forma inesperada.** Por estes dias, surgiram nas redes sociais reflexões de toda a espécie. Deu grande brado a sugestão da escritora brasileira Eliane Brum: “o efeito da pandemia, nada mais é do que um efeito concentrado e agudo do que a crise climática está já a produzir, a um ritmo muito mais

lento. É como se o vírus nos estivesse a fazer uma demonstração daquilo por que iremos passar, daqui a pouco tempo”.

Não sei se assim será realmente. De qualquer modo, o vírus não nos permite ter ilusões. **A ingenuidade de pensarmos que somos nós, os humanos, a controlar o mundo, extinguiu-se em poucos dias.** Temos de alterar a nossa forma de vida. O vírus está a dar-nos uma lição: todos pertencemos à mesma espécie.

Um sistema inumano

O sistema que, neste momento, governa ao mundo, é inumano: irá conferir a uma minoria de privilegiados um bem-estar insensato e desumanizador, e arruinar a vida de vastas maiorias de seres humanos indefesos. **Este sistema torna impossível o consenso dos povos com vista ao objetivo de assumirem, como meta central a alcançar, o bem comum da humanidade, numa terra que seja, verdadeiramente, a casa de todos.**

Segundo as palavras de Jesus, o mistério último da nossa vida é um

Deus, Pai de todos. A humanidade é, simplesmente, a família de todos os seus filhos e filhas. **O único objetivo do Pai, aqui, nesta terra, é ir construindo uma família, onde cada vez mais reine a justiça, a igualdade, a solidariedade.** É este o caminho para se chegar a um mundo cada vez mais humano, onde todos possamos viver com dignidade. E também o que nos permite, a nós crentes, viver na esperança de um dia conhecermos, para além da morte, a Plenitude da vida para toda a humanidade.

Crer em Deus Pai de todos nós, pode ajudar-nos, nestes tempos, a sentir-nos, não apenas membros da mesma espécie, como também filhos e filhas duma mesma família. Experimentar que todos somos irmãos, pode reforçar a nossa capacidade de crescer em solidariedade. Viver em atitude de fraternidade, pode estimular-nos na busca do bem comum de toda a humanidade, a começar pelos mais pobres e necessitados. **Eis o grande apelo que Jesus faz aos seres humanos: “Buscai, antes de mais, o reino de Deus e sua justiça, e tudo o resto vos será dado por acréscimo” (Mt 6, 33).**

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

<https://www.vidanuevadigital.com/tribuna/aprender-del-coronavirus-a-ser-mas-humanos-por-jose-antonio-pagola/> (07.04.2020)